Globethics Repository



Ética e estética [Ethics and aesthetics]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Jorge, José Duarte Centeno Gorjão
Publisher	CEFA (Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura)
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 04:49:46
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/224960

Ética e Estética (a essência da arte)

José Duarte Gorjão Jorge
Arquitecto, Professor Associado da F.A.U.T.L.
jdgjorge@fa.utl.pt

Todas as épocas têm um tipo de narrativas privilegiado onde se exprimem os seus sonhos e os seus pesadelos. Essas narrativas usam a linguagem sua coetânea para descreverem o mundo de modo comovente. Para quem? Para os seus contemporâneos, obviamente. De certa maneira, é por aqui que se reflectem os sentimentos íntimos das sociedades. De algum modo, também, essas narrativas acolhem, travestidas pela ficção ou apenas pelas produções ditas artísticas, os acontecimentos dramáticos – ou, aliás, mais precisamente, o impacte dos acontecimentos dramáticos que caracterizam um determinado tempo naquilo que ele possui, enquanto tempo, isto é, enquanto suporte da historicidade.

O fantástico e o romance gótico são certamente filhos do temor e do tremor que a revolução francesa veio despertar no europeu do dealbar do oitocentos. Aliás, esse tipo de narrativas, e aquilo que estas veiculam tornam-se uma espécie de espelho mágico da sua época, exibindo os retratos deformados do que poderíamos chamar a "psiqué" histórica. Isto, de resto, nada tem de anormal. O homem será sempre um ser essencialmente uno. Mas existe um princípio de cisão, de divisão sempre pronto a manifestar-se nos momentos críticos – quando, exactamente, o homem se sente ameaçado – e que o obriga a projectar para fora de si – através das suas obras, das suas criações, dos seus desejos, das suas fantasias, dos seus gostos e da satisfação de tudo isso, em conjunto e particularmente, as claridades e as sombras do seu espírito: afinal os anjos e os demónios que povoam a sua mente e que, em circunstâncias normais se mantêm em estado de equilíbrio, deixando-o assumir uma postura controlada, em parte pelo menos, pelo respeito dos princípios do sistema de valores que a sociedade sancionou.

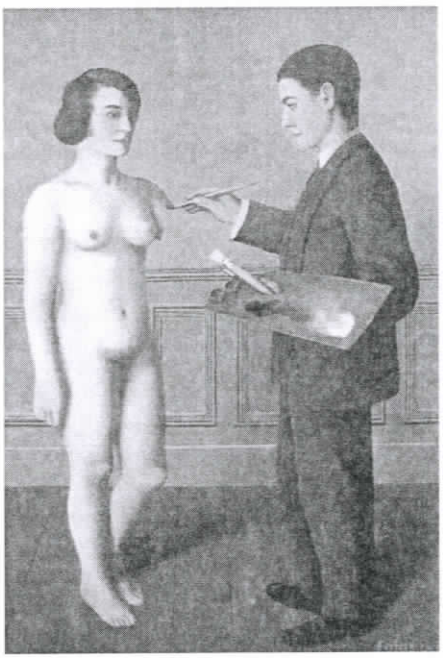


Fig. 1 René Magritte, *Tentando o impossível*, 1928, óleo sobre tela, Galeria Isy Brachot, Bruxelas.

Mas é necessário não esquecermos que, uma vez ameaçado este equilíbrio, dar-se-à forçosamente a libertação dessas forças que coexistem dinamicamente, por assim dizer, na sua alma. Todas as religiões têm disso, de resto, clara consciência.

Nas sociedades ditas "primitivas" tudo está, em maior ou menor grau, associado às forças do bem e do mal. Tudo acaba por se tornar expressão mais ou menos clara dessas forças. A ordem mágica domina o mundo e o ritual mantém esse mundo inteiro, agasalhando o homem. Com a especialização das diversas actividades humanas, a arte e a religião deixaram de pretender descrever o mundo. É, então, a ciência que vai dominar a explicação do mundo. A visão sintética vai dar lugar à visão analítica.

Algo se perdeu, no entanto. O quê? Esta espécie de plenitude que, exactamente, caracterizava essa visão total, esse absoluto de significação – esse curto-circuito com o infinito: cessando a dúvida, conseguindo, de facto, suspender a razão, o sentido ficará revelado na sua totalidade, como, aliás sempre foi e sempre será – esta é a regra religiosa fundamental e é também a chave do poder do sentimento religioso, tão demasiadamente humano, poder-se-ia dizer. Ora, por isso mesmo, quando a arte se liberta das suas estritas funções religiosas – a partir, portanto, do Renascimento ocidental – tem necessidade de actuar sobre os seus fruidores de modo a proporcionar-lhes uma vivência diferente daquela que, neste aspecto, caracterizara a Idade Média. Por isso mesmo, aliás. Este carácter ritualístico que caracteriza as origens da arte na pré-História, começa, a partir do Renascimento, a ser submetido a uma tendência repressiva que vai culminar no século XIX com a sua aparente abolição total em praticamente todas as artes.

E a nossa época, não tendo ainda conhecido, no Ocidente pelo menos, manifestações significativas de fervor religioso, é, por excelência, um momento de profundo desequilíbrio.

Contudo, essa experiência original, que poderemos imaginar através de uma arqueologia da emoção estética, se já não está lá disponível, servirá certamente como padrão e como limite: o desejo secreto de todo o artista – actuar sobre o sentimento do seu público como se se tratasse de uma experiência religiosa.

Por aqui, compreende-se o sentido da Arte, em geral, e da Arquitectura, em particular. A tentativa de esteticização de toda a experiência do mundo, que caracteriza a contemporaneidade, fez da Arquitectura um espectáculo e transformou as suas realizações em objectos tão representacionais como uma pintura ou uma peça cinematográfica.

O vinculo original à Ética, todavia, mantém-se ainda vigoroso. De resto, essa distinção essencial funda todas as outras e vai desembocar na expressão derradeira do processo de fruição estética: as manifestações do Belo e do Feio aí encontram finalmente sentido.